

Assepsia é medida preventiva

Em 1847, o médico húngaro Ignaz Semmelweiss descobriu que as infecções hospitalares eram preveníveis com procedimentos simples, como lavar as mãos. Passados 144 anos, a mortalidade por infecção hospitalar continua alta. Das 11 milhões de pessoas internadas em hospitais brasileiros no ano passado, um milhão contraiu algum tipo de infecção. Deles, 53 mil morreram por causa da contaminação.

Toda doença cujos sintomas se manifestam após a internação do paciente ou depois da alta é considerada infecção hospitalar, desde que possa ser relacionada à hospitalização. A gastroenterite, cujos sintomas são vômitos, diarreia e febre, está entre as infecções mais comuns. A doença normalmente surge em pacientes com defesa imunológica deficiente, como idosos, bebês prematuros e portadores de diabetes ou câncer. Cirurgias, colocação de sondas e catéteres para medicação com soro endovenoso e tratamento de pacientes em Unidades de Terapia Intensiva facilitam a contaminação dos doentes por vírus e bactérias.

A organização Pan-Americana de Saúde (Opas) estima que a taxa de infecção hospitalar em países do Terceiro Mundo varie de seis a 15 por cento. No Brasil, não existem cálculos exatos de quantas pessoas são infectadas a cada ano, mas a estimativa gira em torno de dez por cento do total de internações.

Embora sejam difíceis de se eliminar, porque dependem do estado de saúde do paciente, acredita-se que um terço das infecções hospitalares sejam evitáveis. Pesquisa do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco revela que a infecção hospitalar aumenta a permanência no hospital de doentes infectados por, no mínimo, cinco dias.

O Brasil gasta 500 milhões de dólares por ano no tratamento de vítimas da infecção hospitalar. Caso acabasse com a terça parte que se acredita ser evitável, o País economizaria pelo menos 170 milhões de dólares anuais. As doenças respiratórias e urinárias e as feridas cirúrgicas representam mais da metade das infecções registradas no País.